



Revista de Administração da Unimep

E-ISSN: 1679-5350

gzograzian@unimep.br

Universidade Metodista de Piracicaba

Brasil

Kochmanski Fuzetti, Diana Leite; Albuja Salazar, José Nicolas
Empreendedorismo: Evidências conceituais e práticas na visão econômica e administrativa
Revista de Administração da Unimep, vol. 5, núm. 2, mayo-agosto, 2007, pp. 27-53
Universidade Metodista de Piracicaba
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273720518002>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Empreendedorismo: Evidências conceituais e práticas na visão econômica e administrativa

Diana Leite Kochmanski Fuzetti (*Centro Universitário Salesiano de São Paulo*)
dianafz@terra.com.br

José Nicolas Albuja Salazar (*Centro Universitário Salesiano de São Paulo*)
salazarj@terra.com.br

Revista de Administração da UNIMEP, v. 5, n. 2, Maio / Agosto – 2007

Endereço eletrônico deste artigo: <http://raunimep.com.br/ojs/index.php/regen/article/view/16>.

©Copyright, 2007, Revista de Administração da UNIMEP. Todos os direitos, inclusive de tradução, são reservados. É permitido citar parte de artigos sem autorização prévia desde que seja identificada a fonte. A reprodução total de artigos é proibida. Os artigos só devem ser usados para uso pessoal e não comercial. Em caso de dúvidas, consulte a redação.

A Revista de Administração da UNIMEP é a revista on-line do Mestrado Profissional em Administração, totalmente aberta e criada com o objetivo de agilizar a veiculação de trabalhos inéditos. Lançada em setembro de 2003, com perfil acadêmico, é dedicada a professores, pesquisadores e estudantes. Para mais informações consulte o endereço <http://www.raunimep.com.br>.

Resumo

O empreendedorismo tem caráter de suma importância devido ao seu papel na sociedade, uma vez que, por meio de oportunidades contribui para a expansão da economia e, para a atividade empreendedora, está vinculada ao crescimento. Porém, o empreendedorismo, em si, não se dásem que exista uma organização e pessoas envolvidas. O sucesso depende de pessoas que, por meio da aplicação de seus conhecimentos, competências e talentos, provocam, mobilizam e processam com os recursos ou estruturas existentes, produzindo resultados. Tais resultados necessitam ser bem conduzidos para atender às demandas de seu mercado e, assim, garantir crescimento e prosperidade. Assim, embora não se tenha uma exata definição de empreendedorismo, não se pode negar o seu poder econômico e sua contribuição ao inspirar indivíduos criativos na busca de oportunidades e disposição para assumir riscos e incertezas. Indivíduos criativos, que aproveitam oportunidades, realizam novas combinações, enfim, que inovam ao romper o equilíbrio do fluxo circular.

Palavras-chave: Empreendedorismo – Empreendedor – Inovação – Criatividade – Risco - Incerteza

Abstract

The entrepreneurship has a high importance due to its role in the society, once, by means of opportunities contributes to the economy expansion and to the entrepreneur activities being direct linked to the growth. But, the entrepreneurship, by itself, does not exist without an organization and people involved. Its success depends of people that by means of knowledge applicability, competencies and talents, provoke, mobilize and carry on with the existing resources or structures and producing results. Such results have to be conveyed to attend its market demand, so that assuring growth and prosperity. Therefore, not yet having an exact definition of entrepreneurship, one can not deny its economical power and its contribution on inspiring creative individuals on the opportunities search and disposition to take risks and uncertainties. Creative individuals that take the chance, put into practice new combinations, at last, that innovate to rupture the circular flow of the balance.

Key words: Entrepreneurism – Entrepreneur – Innovation – Creativeness – Risk - Uncertainty

1. Introdução

A expressão empreendedorismo parece ter sido originada da expressão *entrepreneurship*, da língua inglesa, porém, composta da palavra francesa *entrepreneur* e do sufixo inglês *ship*, que, segundo Dolabela (2002, p.47) “era usada no século 12 para designar aquele que incentivava brigas” e que no final do século 18 passou para a conotação de pessoas que criavam e conduziam projetos e empreendimentos.

Há um grande volume de estudos e pesquisas sobre o empreendedorismo e o empreendedor, podendo ser visto por diversos modos: em livros, jornais, revistas, e outros como artigos na área especializada de economia, administração e psicologia, apontando fatores de comportamento sociológicos, característicos de empreendedores, bem como

fatores ambientais e econômicos como determinantes em ações empreendedoras. O tema ressalta, muitas vezes, a sua importância no crescimento econômico.

Dolabela (2002) aponta que existem muitas definições do termo empreendedor, principalmente porque são propostas por pesquisadores de diferentes campos, que utilizam os princípios de suas próprias áreas de interesse para criar um conceito. Duas correntes são consideradas principais: dos economistas, que associaram o empreendedor à inovação, e dos comportamentalistas, que enfatizaram aspectos atitudinais, como a criatividade e a inovação.

Desde que o empreendedorismo teve esse destaque se procura conceituar o termo para estabelecer uma teoria definida de forma universal.

Filion (1999), sobre as teorias propostas pelos diversos autores, discute uma construção conceitual no campo em que os autores acreditaram que deveriam ser incluídos critérios de desempenho, por existirem mudanças constantes no cenário empresarial, justificando o fato que os empreendedores aprendam a partir do que fazem. Porém, numa observação mais detalhada pode-se acrescentar que a intensificação do estudo sobre o empreendedorismo é relativamente recente, e que o conhecimento e os conceitos estão em evolução contínua. Pode-se perceber que as diversas áreas participantes do tema conduzem a diversas interpretações, as quais buscam interpretá-lo de acordo com seus fundamentos.

Os estudos e pesquisas realizadas pelos pensadores do empreendedorismo têm o intuito de formalizar e esclarecer o assunto. De modo geral existe a provocação de Dewes et al (2004) enfocando que, apesar de significativas as pesquisas sobre o assunto, o que existe é um conjunto de conceitos que norteiam a pesquisa, e que isso poderá, futuramente, contribuir para a construção de uma teoria universal.

Como exemplo pode-se citar McClelland (1962), Schumpeter (1984), Drucker (2002), Dolabela (2002) e Dornelas (2003) dentre outros, que apresentam critérios sobre o empreendedorismo, que se encontram sintetizados no Quadro 1. No entanto, embora não exista um consenso quanto à definição para o termo, cabe destacar alguns critérios propostos por pesquisadores desse campo, que utilizam os princípios de suas próprias áreas de interesse para construir tais conceitos.

Quadro 1. Empreendedorismo na síntese de vários autores

Autores	Especificação
McClelland (1962)	O empreendedorismo é uma qualidade pessoal, em que os indivíduos são guiados por necessidades psicológicas. Quanto mais o sistema de valores de uma sociedade distinguir positivamente a atividade empreendedora, maior será o número de pessoas que tenderão a optar por empreender.
Schumpeter (1984)	É a criação de novos produtos e novos mercados, a sua essência está na percepção e aproveitamento das novas oportunidades no âmbito dos negócios.
Drucker (2002)	O empreendedorismo é um comportamento e não um traço de personalidade. Trata-se da inovação e do empreendimento como parte integrante do trabalho do executivo.
Dolabela (2002)	É utilizado para designar os estudos relativos ao empreendimento, seu perfil, suas origens, seu sistema de atividades, seu universo de atuação e a formação de um empreendimento somado às características ambientais, de acordo com os diversos ramos de atividade (industrial, comercial ou prestador de serviços).
Dornelas (2003)	Trata-se de um comportamento que envolve processos organizacionais que permitem à empresa toda trabalhar em busca de um objetivo comum, que é a identificação de novas oportunidades de negócios, por meio da sistematização de ações internas focadas na inovação.

Fonte: Elaborado pela autora

Schumpeter (1982) conceitua o empreendedorismo como a realização de novas combinações, sendo que cinco tipos de inovações podem ser identificados: introdução de um novo bem ou de uma nova qualidade de bem; introdução de um novo método de produção ou comercialização de um bem; abertura de novos mercados; conquista de novas fontes de oferta de matérias-primas ou de bens semi-faturados; e estabelecimentos de uma nova organização de qualquer indústria, abrangendo, assim, as coisas novas e as novas maneiras de se fazer. Para o autor qualquer pessoa que realizar qualquer tipo de inovação apresentada anteriormente é um empreendedor. A partir do momento em que não se inova não se realiza o ato empreendedor.

Cabe lembrar que as idéias de Schumpeter foram aproveitadas por David McClelland (1972) no início da década de 60 na formulação da perspectiva psicológica do empreendedorismo e por Drucker (2002) na perspectiva da gestão do empreendedorismo. Como resultado disso deu-se um conjunto de pesquisas de conceitos sobre o comportamento empreendedor. Assim, houve um grande interesse no campo do conhecimento científico da Psicologia; pesquisas estas realizadas por cientistas comportamentalistas ou behavioristas, que dedicaram principalmente ao estudo da pessoa

do empreendedor, suas ações e atitudes. Cabe lembrar que o Behaviorismo é um termo relacionado as variáveis condicionantes do comportamento, segundo Bernardi (2003).

Uma das principais idéias de McClelland (1972) no enfoque comportamental revela que um povo estimulado por determinadas influências desenvolve uma grande necessidade de realização pessoal, como força motivadora do comportamento empreendedor, ou seja, cabe a sociedade fomentar nas pessoas a vontade de vencer, pois os seres humanos tendem a repetir modelos, assim maior será a motivação por empreender, assumindo os riscos para se beneficiar dos lucros (DOLABELA, 2002). O comportamentalista também buscou explicar o crescimento econômico de países e civilizações por métodos das ciências comportamentais, o que abriu espaço para novas pesquisas globais sobre a importância do nível de empreendedorismo de uma sociedade num país. O autor afirma que a necessidade individual por realizações reflete as “expectativas normativas de uma sociedade”, e que o empreendedorismo é uma qualidade pessoal. Para tanto, Dolabela (2002) esclarece que, apesar das pesquisas na área não foi possível estabelecer cientificamente um perfil psicológico do empreendedor.

Drucker (2002) sintetiza outros autores, definindo o empreendedorismo como a prática de empreender e o resultado dessa prática, criando ou ampliando os negócios de uma empresa já existente, por meio da inovação.

Buscando o sentido, Filion (2004) debruçou sobre o tema para entender o ser humano empreendedor. Sustenta que o empreendedorismo é um fenômeno cultural e social proveniente de fatores e atitudes comportamentais que variam de um lugar para outro, dependendo de situações como o ambiente em que se encontra.

Ainda, Dolabela (2002) considera que o empreendedorismo é a formação de um empreendimento, somado às características ambientais, de acordo com os diversos ramos de atividade. Melhor explicando, nessa perspectiva é preciso levar em conta os ambientes da empresa, desde seu projeto e estruturação, projetados no plano de negócios bem como reconhecer o seu bom desempenho: pela capacidade de identificar e antecipar-se às mudanças externas, pelas características de seus consumidores, pelos seus competidores, fornecedores e o governo. Enfim, as características citadas pelo autor referem-se a um ambiente favorável ao empreendedorismo, como também à vontade das pessoas em implementar negócios, às instituições de apoio local, facilidades para financiamento e outros fatores que favoreçam o desenvolvimento de idéias e projetos.

Conforme cita Dornelas (2001), na compreensão de Dolabela (2002), fazem parte desse processo organizacional pessoas diferenciadas que, motivadas pelo que fazem, querem ser reconhecidas por suas atribuições, referenciadas por criar valor à sociedade, inovando, como observado anteriormente pelo comportamentalista.

Vale lembrar que somente a motivação não é pré-requisito para o empreendedorismo, pois essas pessoas devem ser capacitadas para assumir novos mercados e as mudanças são propícias, visto que Dornelas (2001) afirma que a economia e os meios de produção e serviços também se sofisticaram, e que existe hoje a necessidade de formalizar conhecimentos, que eram apenas obtidos empiricamente, no passado.

As organizações vêem-se diante da necessidade de desenvolvimento de competências para suplantar esses novos desafios, como pôde ser observado por Bernardi (2003), quando cita que anteriormente os métodos clássicos de gerir as organizações eram considerados como vantagem competitiva e que hoje tornaram-se obsoletos.

A necessidade de mudança e a turbulência do ambiente resultam em um cenário econômico mundial que pode contribuir para o desemprego, como tratado por Oliveira (1995) quando cita que: [...] durante os anos 80, a ‘década perdida’, um número assustadoramente grande de pessoas perdeu o emprego e teve de “se virar” para sobreviver por meio de subempregos, ‘bicos’, trabalhos temporários, negócios próprios, atividades informais.

Para melhor esclarecer, na década de 80 houve a crise das elites econômicas, ou seja, as grandes indústrias brasileiras foram abaladas pela abertura da economia e pela globalização, houve um ajuste doloroso, milhares de pessoas foram dispensadas, muitas unidades foram abaladas pela abertura da economia e pela globalização, houve um ajuste doloroso, milhares de pessoas foram dispensadas, muitas unidades foram fechadas. A partir da segunda metade dos anos 80 o Brasil presenciou um importante crescimento das taxas de fundação de novos negócios, principalmente a terceirização das atividades não essenciais nas grandes e médias empresas, o que afetou a qualidade e quantidade do emprego (SACHS, 2003). Essas elites orgânicas se viram obrigadas a se re-posicionarem diante das pequenas empresas como solução, pois nessa época, os pequenos empreendimentos passaram a exercer papel de “safenás” da crise, o que evitou o colapso do mercado (SOLOMON, 1986).

A evolução e as mudanças, às vezes, podem levar a processos inevitáveis de transição, diante de desafios, oportunidades e ameaças que, obrigatoriamente, demandam

por mudanças de atitudes que podem romper com padrões anteriores reconhecidos e aceitos.

Antes de apresentar as teorias, faz-se necessário analisar as transformações num certo espaço de tempo, em consequência das invenções que revolucionaram o estilo de vida das pessoas; algo inédito a considerar são as inovações. E, por traz dessas inovações existem pessoas ou grupos de pessoas com diversas características especiais que, persistentes, exploram oportunidades, arriscam algo diferente, para um sonho tornar-se real, ou seja, pessoas que empreendem.

2. Histórico do Empreendedorismo

Cantillon (1680-1734), importante escritor e economista irlandês do século XVII, citado por Oliveira (1995) é também considerado um dos criadores do termo empreendedorismo, e um dos primeiros a diferenciar o empreendedor – aquele que assumia riscos – do capitalista – aquele que fornecia o capital.

Vale explicar que, na época, com a abertura econômica do mundo, a mudança do regime rural e corporativo para uma economia mercantilista favoreceu as trocas, o que fez surgir a lei do comércio e, consequentemente, um especialista nas transações entre a oferta e a demanda. Esse especialista preocupava-se mais com o risco do mercado que com o processo de compra e venda (HUBERMAN, 1986).

Oliveira (1995) ressalta que Cantillon empregou o termo para designar alguém que assumia riscos de contratar empregados ou comprar o produto do trabalho, sem a certeza de recolocá-lo ou vendê-lo.

O termo empreendedor também foi utilizado, por volta de 1800, por Jean Baptiste Say (1767-1832), economista francês, diante das mudanças, com o intuito de distinguir o indivíduo que consegue transferir recursos econômicos de um setor com baixa produtividade, para um setor com produtividade elevada com maiores rendimentos (DRUCKER, 2002). Com este termo pôs-se a descrever e a referir-se à função desempenhada pelos empreendedores que arranjavam e administravam os itens de produção: terra, capital e trabalho, enfrentando os riscos associados à atividade. Farah (2001) explica que, embora a sua preocupação fosse na área da economia, Say dedicou-se aos estudos da criação de novos empreendimentos, desenvolvimento e gerenciamento de negócios.

Cantillon e Jean Baptista Say determinaram sua atenção para o papel do empresário, ao analisar as dificuldades na sua administração e a criação de novas empresas. Os economistas foram os primeiros na constatação da importância da função do empreendedor no processo, pois aquela função do empreendedor demandava uma atenção às variações do mercado, uma percepção por oportunidades e a assunção dos riscos.

Say (1964), referenciou o empreendedor como responsável por reunir todos os fatores de produção e descobrir no valor dos produtos a reorganização de todo capital empregado, o valor dos salários, o juro, o aluguel, bem como os lucros que lhe pertencem, ou seja, uma definição do empreendedorismo bem mais centrada nos negócios (DRUCKER, 2002). O destaque aqui dado à informação anteriormente citada não definiu o perfil de quem seria o empreendedor, Say (1964) apenas limitou-se a dizer que os empreendedores organizam os fatores de produção de maneira a satisfazer as necessidades ilimitadas das pessoas (TROSTER & MOCHON, 2004).

Drucker (2002) descreve que na Alemanha, já por volta de 1870, Georg Siemens se preocupava com os empreendedores, e fundou o *Deutsche Bank* com o objetivo de localizar empreendedores, financiá-los e até forçar a adoção de uma administração mais organizada. O autor enfatiza que na história dos Estados Unidos, nessa época, os bancos eram voltados para os empreendedores, como a exemplo de J.P.Morgan, banqueiro empreendedor em Nova York que desempenhou um papel semelhante.

Mais tarde, por volta de 1900, o economista e professor da Universidade de Harvard, Joseph A. Schumpeter, deu um novo significado ao termo empreendedor, colocando o termo e o papel desempenhado pelos empreendedores na sociedade como centros das atenções no século 20, retratando-os como algo que provocava o desequilíbrio e desorganizava a ordem vigente, sendo responsáveis pela transformação e pelo desenvolvimento econômico. Para o autor, o empreendedor seria o ator central no processo de mudança pela introdução das inovações (SCHUMPETER, 1982).

Conforme destaca Schumpeter (1982) o empreendedor é alguém que faz novas combinações de elementos, é o ator principal na inovação e no processo produtivo, favorecendo novos processos ou até mesmo novos produtos, identificando novas posições no mercado, ou criando novos tipos de organizações e desorganizava, em outras palavras, deixando velhos processos para trás e criando novos. Para melhor explicar, a influência do empreendedor na economia, Schumpeter, inferiu o empreendedor como elemento de

alavancagem da economia, tinha uma função de grande importância: a destruição criativa, em que velhas indústrias são continuamente substituídas por novas.

Desse modo, tem-se a visão do empreendedor como aquele que, considerando como base às inovações, conforme descritas anteriormente, cria condições para materializá-las no mercado, conduzindo essas oportunidades a empreendimentos que poderão vir a ser sucesso. No entanto, cabe salientar que sua abordagem é econômica e que buscava um maior entendimento da dinâmica do capitalismo, dos seus ciclos econômicos de crescimento e recessão. Teve sua atenção voltada para as inovações ocorridas no processo produtivo, que causaram e causam rupturas no fluxo circular de produção, constituindo-se em agentes desequilibradores. Seu fascínio pelo empreendedor criou um estereótipo, considerando-o como herói do capitalismo moderno.

Schumpeter considera o empreendedor de suma importância por provocar impacto na economia, quebrando antigos padrões e contribuindo para o desenvolvimento da sociedade em todos os sentidos. Essa reflexão e a busca por novas opções de desenvolvimento puseram em cena a sua obra, que tem como foco a gênese do capitalismo, o significado do papel do empreendedor e a importância da inovação, como fator de desenvolvimento.

Já no final do século XIX e início do século XX, freqüentemente os empreendedores eram confundidos com os gerentes e/ou administradores, sendo analisados apenas do ponto de vista econômico, a exemplo daqueles que planejavam, dirigiam e exerciam controle nas organizações, mas a serviço apenas do capitalista (DORNELAS, 2001).

Ao fazer a distinção entre administrador e empreendedor pode-se enfatizar que, enquanto o primeiro tem como objetivo as ações e realidade existentes na organização e a atuação de forma eficiente e eficaz sobre seus deveres para com a mesma, o empreendedor busca a materialização de novas oportunidades, quer pela criação de uma nova empresa, ou uma ação inovadora em uma empresa em existência.

Essa concepção sobre a existência de pessoas dentro de uma organização foi denominada, de acordo com Pinchot (2004), como *Intrapreneur*, ou seja, um empreendedor interno, indica aqueles que transformam idéias em realidade, mesmo sem deixar a organização em que atuam. Refere-se à existência de pessoas dentro de uma organização, qualquer posto hierárquico ou funcional. O autor ressalta que, muitas das maiores realizações empresariais foram conduzidas por *intrapreneurs*. Propõe que as

organizações incentivem o surgimento como uma maneira de motivar e alavancar seus negócios, e explica que nem sempre isso é fácil de fazer.

Apesar da dificuldade das organizações em apoiar intraempreendedores por receio que possa tornar-se anárquica, atualmente existem empresas que incentivam seus empregados a serem empreendedores – fazem programas de recompensa e remuneração a seus funcionários que atuam de modo empreendedor ou inovador. Atuar de modo inovador, em um mercado que exige cada vez mais competitividade, passa a ser pré-requisito para indivíduos e organizações.

Vale lembrar que o vocábulo *entrepreneur* é francês, de origem latina e que foi incorporado à língua inglesa pela própria falta de uma consonância que se adequasse ao idioma e que, segundo Oliveira (1995), apresenta, no português “empreendedor”, o melhor vocábulo estrangeiro em nossos textos, ou seja, uma combinação perfeita com o termo *entrepreneur* e seu significado.

Dolabela (2002) destaca que embora sabendo que os economistas foram os primeiros a perceberem a importância dos empreendedores nos processos, estes raramente integram os modelos clássicos de desenvolvimento econômico, que estão fortemente estruturados, em funções matemáticas, e abordagens quantitativas inadequadas, para explicar o comportamento dos empreendedores no desenvolvimento organizacional.

Se ressalta aqui a teoria neoclássica. O período neoclássico iniciou na década de 1870 até as primeiras décadas do século XX e apesar de as questões microeconômicas serem consideradas o centro de estudos econômicos, houve destaque da teoria de desenvolvimento econômico apresentada por Schumpeter. Tal teoria explica que as pessoas têm livre acesso às informações necessárias para a tomada de decisão. Sendo assim, com conhecimento perfeito e sem custo de transação, a alocação de recursos é eficiente, não havendo motivos da colaboração de um empreendedor, pois um “matemático” mecanicamente as mudanças no ambiente externo, sobre o qual não teria nenhuma influência (CORRÊA, 2000).

Caso se procure pelo papel empreendedor nas teorias econômicas convencionais, o que chamará a atenção será exatamente a relativa ausência desse personagem, que permaneceu por muito tempo negligenciado. Se é figura que ocupa lugar destacado nos debates sobre política econômica ou desenvolvimento, sua função nos modelos e teorias microeconômicas é, quando muito, secundária.

Não deixa de ser curioso que a razão desse descaso com a figura do empreendedor possa ser encontrada nas próprias características da teoria neoclássica da firma. Nela, a empresa deve decidir sobre quantidades e preços de insumos e produtos, de modo a maximizar seu retorno, tomando por base um conjunto conhecido de funções de produção que relacionam de modo determinado os insumos e produtos. O que a firma faz é executar uma série de cálculos, reagindo às mudanças externas do ambiente econômico, de modo a assegurar-se de que continuará maximizando seu resultado, conforme ressalta Correa (2000).

Ao contrário desse pensamento, Dolabela (2002) acredita que como elemento do empreendedorismo tem-se a figura do seu criador denominada empreendedor, que busca a continuidade do empreendimento e que está relacionada ao desenvolvimento econômico, à inovação e ao aproveitamento de oportunidades de negócios.

Na tentativa de entender as razões que levam pessoas a constituir em uma organização, ou seja, a empreender, procurou-se compreender vários estudiosos. O neoclássico Knight (1972) tentou fazer distinção entre risco e incerteza, a propósito da atitude de um empreendedor.

Segundo o autor, riscos significam as atitudes recorrentes, passíveis de se estabelecerem modelos de ocorrência de eventos, mesmo não existindo dados mensuráveis ou possibilidades de estabelecerem dados probabilísticos. A incerteza ocorre quando não existe precedência ou sequer possibilidade de estabelecerem dados probabilísticos. Conceitua o empreendedor pela capacidade de previsão em lidar com os riscos e as incertezas. Essa imprecisão provém do fato de que a incerteza faz parte das características do mundo em que se vive, conjuntamente com os agentes de mercado, assim, toda e qualquer ação humana envolve alguma incerteza. Esse autor considera ainda, que ao adotar estratégias de atuação que levam as empresas à maximização dos lucros, os empresários envolvem-se em riscos e incertezas. Identifica, assim, como atributo do empreendedor, a superior capacidade de prever acontecimentos em relação às atitudes tomadas na implementação das suas estratégias de atuação.

Outros economistas da escola austríaca, citados por Oliveira (1995), como Hayek e Kirzner, destacaram os pequenos investidores, especuladores que viviam de procurar novas oportunidades para aumentar seus ganhos pessoais.

Kirzner refere-se à dinâmica dos mercados. Para esse autor o elemento fundamental de um empreendedor é o seu estado de alerta, por meio do qual poderia perceber, por

exemplo, a existência de desajustes nos preços e, dessa forma, oportunidades como a obtenção de lucros (BARBIERI, 2001). Para o autor, o empreendedor caracteriza-se pela capacidade de percepção das mudanças e novas situações de mercado, o que permite a identificação de desajustes nos preços e, desse modo, a identificação de oportunidades que lhe proporcionem lucros. Dessa maneira, o desconhecimento por parte dos participantes do mercado cria as oportunidades para o lucro empresarial.

De fato, os autores apresentam diversas formas de definição e é difícil se encontrar uma única e precisa forma para explicar o que é o empreendedorismo.

Embora, não haja consenso na sua exata definição, o que não pode ser negado é o poder econômico do empreendedorismo e sua contribuição ao inspirar indivíduos criativos na busca de oportunidades e disposição para assumir riscos e incertezas.

Rossetti (2000) relata que desde os tempos em que as pessoas iniciaram a modificação dos métodos de arar o solo, de fazer armas e de tecer, foi firmado o avanço tecnológico, ou até mesmo a arte de fazer e usar ferramentas e equipamentos. A tecnologia foi evoluindo e avançando ao longo dos anos, desencadeando uma “revolução” na Inglaterra do final do século XVIII, que marcou o início de um avanço tecnológico como nunca visto, bem como o aparecimento do agente de mudanças, “o empreendedor”. Iniciou nesse período a substituição do trabalho humano pelo trabalho da máquina, o que gerou mudanças marcantes no cotidiano da sociedade.

Silva (2000), destaca que no meio dessa revolução estava uma nova fonte de energia, o motor a vapor, posto em funcionamento em 11 de março de 1776 em *Broomfield Colliery*, e que, embora não tenha sido por ele inventado é preciso que se credite a James Watt, o seu aperfeiçoamento, criando, inovando para uso prático na indústria, principalmente a fabril em grande escala. Utilizado por centenas destas o motor a vapor forneceu uma energia mais barata e eficiente revolucionando o comércio e a indústria.

2.1. Empreendedorismo no Mundo

Existe grande interesse em todo o mundo pelo empreendedorismo. Dornelas (2001) comenta que no ano de 1998, a *Organization for Economic Co-operation na Development* (OECD) publicou um informe *Fostering the Entrepreneurship: A Thematic Review* com o objetivo de compreender o estágio de desenvolvimento do empreendedorismo e quais políticas seriam mais prósperas naqueles países da OECD. O autor ressalta também que, a Comissão Européia apresentou um relatório para seu conselho de Ministros, “*Fostering*

Entrepreneurship: Priorities for the Future”, cuja proposta era simplificar a abertura de novas empresas, facilitar acesso ao crédito e motivar o espírito empreendedor da comunidade.

Para focar melhor o tema, Cruz (2003) cita um estudo que é realizado anualmente pela *London Business School* e pelo *Babson College*, desde o ano de 1999, do qual o Brasil participa desde 2000, ano em que foi implementado o GEM Brasil pelo IBQP (Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade).

O GEM¹ (*Global Entrepreneurship Monitor*) é um projeto de pesquisa que tem a finalidade de aprofundar o conhecimento sobre questões relacionadas ao empreendedorismo; tais como: as diferenças entre os países em termos de capacidade empreendedora; a contribuição do empreendedorismo para o crescimento econômico e tecnológico; relações entre riquezas de oportunidades empreendedoras e a capacidade dos indivíduos em explorar novas oportunidades e o potencial dos governos para promover o empreendedorismo.

Nesse estudo o GEM (*Global Entrepreneurship Monitor*) analisa o nível de atividade empreendedora em diversos países. Seu principal indicador quantitativo é a Taxa de Atividade Empreendedora Total (TAE) (SOUZA & GUIMARÃES, 2005). A TAE² indica a proporção de empreendedores na população adulta; é formado como a relação entre o número de habitantes que começam um novo negócio ou expandem e o total da população de adultos. Conclui-se que o Brasil ocupa a 7^a posição entre 30 países analisados com a maior taxa de empreendedorismo.

Pelas pesquisas GEM, o Brasil tem ostentado altas taxas de atividade empreendedora, o que o faz estar entre os países que possuem mais empreendedores no universo pesquisado. Vale ressaltar que as pesquisas elaboradas nesses países se ajustam à situação brasileira na qual se destacam o ensino e a participação da mulher na economia (CRUZ, 2003).

A GEM endossa que países onde as políticas são mais efetivas, como os Estados Unidos, de cada 12 pessoas é criada uma empresa e que as perspectivas de crescimento econômico são maiores do que em países como a Finlândia, que é de 67 pessoas para cada 10. Segundo essa instituição, as pesquisas evidenciaram que para que ocorra a atividade

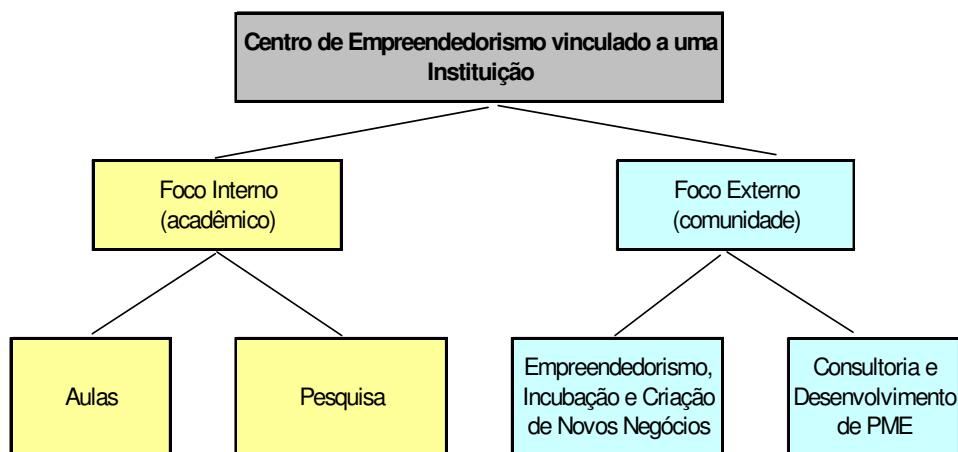
¹ Disponível em <http://www.ibqppr.org.br/produtos.htm> . Acesso em 30 dez 2005. 18:14hs

² Disponível em <http://www.gemconsortium.org> Acesso em 30 dez 2005. 18:14hs

empreendedora em um país faz-se necessária a existência de um conjunto de valores sociais e culturais que encorajem e motivem a criação de novos negócios.

No que tange às pesquisas em empreendedorismo, Filion (1999b) destaca, conforme pode ser visto na Figura 1, alguns temas que são desenvolvidos por pesquisadores em diversas universidades canadenses, como: a criação e desenvolvimento de empresas; capital de risco e financiamento das pequenas e médias empresas; empresas de alta tecnologia; estratégias de crescimento e parcerias estratégicas; redes; políticas governamentais e criação de empresas; sistemas de apoio ao empreendedorismo; incubadoras de empresas; empreendedorismo e pequenas e médias empresas nos países em desenvolvimento. Vale lembrar que se definem as incubadoras de empresas como um empreendimento que visa abrigar empresas desde o seu início, oferecendo a elas espaço físico, infra-estrutura, recursos humanos e serviços especializados, seu propósito é estimular o surgimento de negócios resultante de projetos tecnológicos desenvolvidos nos centros de pesquisa universitários ou não (AIUB & ALLEGRETTI, 1998).

Figura 1. Focos de atuação de um Centro ou Programa de Empreendedorismo



Fonte: Bernardes & Marcondes (2003, p.1-13)

Os centros estabelecidos nas instituições tratam de dois focos: interno e externo. Estes mantêm o empreendedorismo fervilhante em sensibilização ao ensino das universidades, disseminando o conhecimento e, ao mesmo tempo, oferecendo atendimento às necessidades da comunidade, facilitando seu acesso às consultorias, práticas empresariais vinculadas às incubadoras de empresa.

Examinando a Figura 1, a dualidade dos centros considera que, aprofundar a cooperação entre as universidades e o setor produtivo é uma tarefa cada vez mais

necessária na sociedade baseada no conhecimento. Em todo o mundo, e também no Brasil, a universidade encontra-se com grande oportunidade de assumir um papel importante diante da nova realidade econômica, em que as empresas de conhecimento transformam-se em fonte principal de motivação do desenvolvimento econômico (ASINELLI, 2006)³. Nesse sentido, a principal contribuição dos centros ou programas está na disseminação ampla da cultura que aproxima a sociedade e oferece melhores condições no que tange às informações e novos conhecimentos frente aos desafios no cenário empresarial.

Nota-se que o empreendedorismo está além de uma solução para o desemprego ou ações dos governos. Porém, a busca por ações empreendedoras pode desencadear o desenvolvimento econômico que, segundo Schumpeter (1982), tem o empreendedor como o motor da economia provocando mudanças por meio da inovação, o que favorece o crescimento econômico.

Dolabela (2002, p.54) cita o pensamento de Schumpeter (1982) que completa dizendo acreditar que é possível alterar “[...] a curva da estagnação econômica e social através da indução de atividades inovadoras capazes de agregar valores econômicos e sociais”.

Contudo, para esses autores o empreendedorismo ativa a economia por estar diante do novo, avançar em virtude de descobertas, pela busca de novas oportunidades, novas formas, vendas e gestão.

2.2. Empreendedorismo no Brasil

O fechamento prematuro das empresas no país é uma das preocupações da sociedade.

A pesquisa do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE e a Fundação Universitária de Brasília – FUBRA (2004)⁴ apuraram, em pesquisa de campo realizada no ano de 2004, a taxa de mortalidade empresarial no Brasil, para as empresas constituídas e registradas nas juntas comerciais dos Estados nos anos 2000, 2001 e 2002, revelando que 49,4% encerraram as atividades com até 02 (dois) anos de existência, 56,4% com até 03 (três) anos e 59,9% não sobrevivem além dos 04 (quatro) anos.

Segundo essa pesquisa o que impulsiona a mortalidade das empresas é a falta de capital de giro, falta de clientes, falta de conhecimentos gerenciais e a recessão econômica.

³ Disponível em: <http://www.anprotec.org.br>. Acesso em 30 dez 2005.

⁴ Disponível em <http://www.sebrae.com.br>. Acesso em 19 Fev 2006.

Analizando os números, a preocupação da instituição está nos impactos dos indicadores sócio-econômicos das regiões e do país. Para melhor explicar, segundo pesquisa do SEBRAE, tem-se grande impacto na economia com a dispensa de mão de obra, perda de poupança e distribuição de renda. Porém, o total das empresas extintas não representa perda total, pois uma parcela dos recursos investidos é recuperada pelo dinamismo na criação de novas empresas todo ano, que chega a alcançar em torno de 470 mil empresas instaladas gerando assim novos empregos⁵.

Há algum tempo atrás, na década de 80, era aventura um jovem recém-formado a iniciar sua própria empresa, pois nesse período havia várias outras oportunidades nas grandes corporações, repartições públicas e outros, oferecendo salários, status e possibilidade de crescimento dentro da própria organização.

Até o ensino de Administração, citado por Dornelas (2001, p.22) “[...] era voltado a este foco: formar profissionais para administrar grandes empresas e não para criar empresas”. Para isso, apenas criar empresas não é suficiente, é preciso que estas sejam bem administradas para que sobrevivam no mercado. Nessa época, começou-se a perceber uma mudança do cenário econômico do Brasil, marcado pelo aumento da opção do auto-emprego e surgimento de empreendedores involuntários que, segundo Dornelas (2003), são também representados pelos recém-formados e por trabalhadores demitidos das corporações e órgãos públicos em virtude de reestruturação, fechamento, privatizações e outros.

As iniciativas em apoio ao empreendedorismo aparecem pulverizadas pelo país e diversificadas numa variedade, por meio de programas e projetos com a finalidade de apoiar, estimular e desenvolver também aquele que se lança sozinho ou na companhia de sócios, com missão de conquistar um nicho de mercado identificado e a descoberto.

Como exemplo, pode-se citar a 3M, que iniciou como um grupo de investidores e hoje é uma das maiores empresas do mundo.

Algumas instituições que marcaram o movimento no Brasil, foram o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e a SOFTEX (Sociedade Brasileira para Exportação de Software), empresas estas privadas com apoio do governo, que por meio de programas específicos, intensificaram o empreendedorismo nacional. A Softex foi fundada em 1993 é uma entidade instrumento de apoio à produção e comércio de software brasileiro promovendo excelência da tecnologia nacional. Essas organizações

⁵ Disponível em <http://www.sebrae.com.br>. Acesso em 19 Fev 2006.

são jovens, com fundação posterior a 1990. A sociedade Softex tem trabalhado também para difundir a importância de Planos de Negócios, diversificar as fontes de investimentos e incentivar a cultura empreendedora no setor (CRUZ, 2003).

Vale lembrar um pouco da história dos pequenos e grandes empreendimentos. As pequenas organizações, segundo Filion (2004), iniciaram no Brasil em meados do século XVIII. Também pessoas que não eram ricas, como os latifundiários ou os donos de grandes minas, mas que não faziam parte da classe dos trabalhadores pobres, desempenhavam seu papel, desde o humilde carpinteiro trabalhando sozinho, como autônomo.

Segundo Furtado (1988), uma das figuras que mais se destacou no Brasil no século XIX, no campo do empreendedorismo, foi o Visconde de Mauá, ou Barão de Mauá. Industrial, banqueiro, político e diplomata, é um símbolo dos capitalistas empreendedores brasileiros desse século. Iniciou seus negócios em 1846 com uma pequena fábrica de navios em Niterói (RJ). Em um ano, inaugurou a maior indústria do país e, com mais de mil operários produziu navios, caldeiras para máquinas a vapor, engenhos de açúcar, guindastes, prensas, armas e tubos para encanamentos de água. Foi pioneiro no campo dos serviços públicos: organiza companhias de navegação a vapor no Rio Grande do Sul e no Amazonas; em 1852 implantou a primeira ferrovia brasileira, entre Petrópolis e Rio de Janeiro, e uma companhia de gás para a iluminação pública do Rio de Janeiro, em 1854.

Dois anos depois inaugurou o trecho inicial da União e Indústria, a primeira rodovia pavimentada do país, entre Petrópolis e Juiz de Fora. Em sociedade com capitalistas ingleses e cafeicultores paulistas, participa da construção da *Recife and São Francisco Railway Company*; da ferrovia Dom Pedro II (atual Central do Brasil) e da *São Paulo Railway* (hoje Santos-Jundiaí). Iniciou a construção do canal do mangue no Rio de Janeiro e foi responsável pela instalação dos primeiros cabos telegráficos submarinos, ligando o Brasil à Europa. No final da década de 1850, o visconde funda o Banco Mauá, MacGregor & Cia., com filiais em várias capitais brasileiras e em Londres, Nova York, Buenos Aires e Montevidéu. Liberal, abolicionista e contrário à Guerra do Paraguai, torna-se *persona non grata* no Império. Suas fábricas passam a ser alvo de sabotagens criminosas e seus negócios são abalados pela legislação que sobretaxava as importações. Em 1875, o Banco Mauá vai à falência. O visconde vende a maioria de suas empresas a capitalistas estrangeiros.

Impulso à industrialização – Em 1844 foi criada a tarifa Alves Branco, que aumenta as taxas aduaneiras sobre 3 mil artigos manufaturados importados. Seu objetivo era melhorar a balança comercial brasileira, que acaba impulsionando a substituição de importações e a instalação de inúmeras fábricas no país. Com o fim do tráfico negreiro, os capitais empregados no comércio de escravos também impulsionaram a industrialização.

Furtado (1988) ressalta que, com a vinda de Dom João VI para o Brasil, transferindo a sede do reino português e abrindo os nossos portos às nações amigas, houve o favorecimento da expansão do comércio, pois até então, segundo o autor, desde que Portugal fora vice-reino da Espanha, não entrara muitos estrangeiros na colônia.

Como já mencionado, a abertura dos portos trouxe o fortalecimento do comércio de bens de capital e consumo, favorecendo o desenvolvimento de novos negócios, pois, com os portos fechados, todo sistema era efetuado pela corte Portuguesa, bloqueando o desenvolvimento.

Em seqüência Solomon (1986) descreve que, logo após a chamada “Grande Depressão”, gerada pela queda da bolsa de Nova York em 1929, a economia rural começou a liberar investimentos para as empresas urbanas. Com a Primeira Guerra Mundial, no século XX a nascente indústria nacional foi se impondo aos pequenos empreendimentos. O primeiro pós-guerra intensifica ainda mais o processo de urbanização no Brasil, com a migração do exterior e do meio rural, criaram novos empreendimentos, principalmente os profissionais artesãos, operários e liberais. Da mesma forma, o autor relata que na era de Getúlio Vargas iniciaram-se os grandes empreendimentos e os grandes projetos nas áreas básicas de matérias-primas, a exemplo da Siderúrgica de Volta Redonda, da Fábrica Nacional de Motores e da Petrobrás. Em 1955 ocorreu a eleição de Juscelino Kubitschek, e seu governo caracterizou-se por uma política de substituição de importações e de investimentos externos de produção industrial, favorecendo a expansão e proteção dos bens de consumo duráveis. Também com a substituição das importações e novos investimentos internos, o fluxo da economia das grandes empresas expandiu-se em consequência do aparecimento de novos produtos e de novos processos.

Ainda Solomon (1986) explica que, a partir dos governos militares pós-64, o governo voltou-se aos grandes conglomerados econômicos, beneficiando as grandes organizações. Registraram-se nesse período, também, algumas ações voltadas para os pequenos empreendimentos, sendo que uma delas foi a criação, em 1972, do CEBRAE -

Centro Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa⁶. Esse Centro foi vinculado ao Governo Federal e em 1991 passou a denominar-se SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa desligou-se do setor público para se tornar na atual organização civil sem fins lucrativos atuando como prestadora de serviços sociais, autônoma. O SEBRAE consolidou-se como uma entidade composta por representantes da iniciativa privada e do setor público sintonizando ações para estimular e promover empresas de pequeno porte com as políticas nacionais de desenvolvimento econômico e social do País.

3. Conceitos sobre o Empreendedor

Diversos são os autores que analisam o empreendedor e seu papel no desenvolvimento econômico e social de um país, ou mesmo de uma região. A definição do empreendedor, bem como do papel que desempenha nesse contexto, acompanha as constantes mudanças observadas.

Em Barreto (1998) constam definições que caracterizam a palavra “empreender”, como derivada de *imprehendere*, do latim, e incorporada à língua portuguesa no século XV. A expressão “empreendedor”, segundo o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, de 1986, teria surgido na língua portuguesa no século seguinte.

Mesmo sabendo que existe a dificuldade, Filion (2004) caracteriza o empreendedor como um indivíduo de grande criatividade, com capacidade de estabelecer e que atinge objetivos, o que mantém alto nível de consciência do ambiente em que vive. Um empreendedor que continua a aprender a respeito de possíveis oportunidades de negócios e a tomar decisões moderadamente arriscadas que objetivam a inovação, continuará a desempenhar um papel empreendedor. Dentro do contexto, além dos aspectos apresentados, o autor destaca o empreendedor pela criatividade e capacidade de aproveitar as oportunidades de forma consciente, correndo riscos moderados.

É interessante ressaltar o que Mintzberg et al (2000) destacam sobre o papel do empreendedor na economia neoclássica:

O empreendedor tem papel proeminente na teoria econômica neoclássica. Entretanto, era limitado a decidir quais quantidades produzir e a que preços. A dinâmica do mercado competitivo cuidava do resto. A ascensão das grandes empresas forçou os economistas a modificar a teoria econômica, dando origem à teoria do oligopólio (a qual forma a base da escola de posicionamento). Mas, mesmo assim, o empreendedor ainda tinha pouco a fazer além de calcular preços e quantidades (MINTZBERG et al 2000, p.100).

Esta definição enfatiza o empreendedor como o criador de riqueza por meio de acontecimentos que propiciam situações a qual combina determinados recursos em favorecimento da sociedade.

Mintzberg et al (2000) esclarecem que outros economistas, como Karl Marx, tinham essa visão estreita do empreendedor, uma grande falha da Economia. Marx considerava que os empreendedores eram agentes de mudanças econômicas e tecnológicas e criticava fortemente seu impacto sobre a sociedade em geral. Ainda segundo

⁶ Disponível em: <http://www.sebraesp.com.br>. Acesso em 20 out 2004.

interpretação de Mintzberg et al (2000), quem colocou o empreendedor em proeminência no pensamento econômico foi Schumpeter.

Mark Casson (1987), economista, admite que o empreendedor possui habilidades diferenciadas para realizar julgamentos e administrar recursos escassos. Para o autor o empreendedor opera dentro das várias condições tecnológicas e, por tomada de decisões, num ambiente de riscos onde é capaz de vislumbrar recompensa – o lucro. Critica os economistas clássicos por despersonalizarem a economia retirando o papel do empreendedor na geração de lucro, e sustenta que, ao contrário, está no centro do processo de geração de lucro por ser um especialista em tomar decisões de julgamento sobre a manipulação de recursos escassos. Considera muito importante o acesso a recursos, condição que pode explicar o surgimento de novos empreendedores (CASSON, 1987 apud DEAKINS, 1996). Esta é, portanto, uma tentativa de Casson (1987) em indicar quais seriam as características empreendedoras para tal julgamento, porém, o autor não esclarece.

Ao contrário de Casson (1987), para Schumpeter (1984), não era a maximização de lucros que explicava o comportamento corporativo, mas sim as tentativas...

[...] para lidar com uma situação que mudará presentemente – uma tentativa das empresas para se manterem em pé, sobre um terreno que escorregava embaixo delas. Em outras palavras, o problema que usualmente é visto é o de como o capitalismo administra as estruturas existentes, enquanto o problema relevante é como ele as cria e destrói (SCHUMPETER, 1984, p.42).

A expressão criação traz imagens de progresso e futuro brilhante, ao contrário da destruição que representa uma palavra negativa e assustadora, evocando imagens de desordem.

Em seqüência à questão anterior, as empresas nascem e morrem ou são incorporadas por outras, é isso que acontece no mercado, completando de fato a sua criação e destruição. Nesse processo encontram-se, também, as empresas em que existem setores novos que perderam sua vantagem competitiva, sendo elas eliminadas com o tempo (SCHUMPETER, 1964 apud FOSTER & KAPLAN, 2002).

Assim, Schumpeter (1984) desenvolveu as idéias sobre o papel central da capacidade empreendedora; idéias estas que chegaram ao debate público na década de 1930, focadas nesse processo. Este introduziu sua noção denominada destruição criativa, significando ser um mecanismo que permite ao mercado a manutenção da constante mudança, eliminando elementos não necessários, caracterizando a essencialidade do capitalismo (FOSTER & KAPLAN, 2002).

Este é o motor que mantém o capitalismo em movimento à frente e, quem dirige esse motor é o empreendedor. Para o autor, empreendedor não é necessariamente alguém que investe o capital inicial ou inventa o novo produto, mas sim a pessoa com a idéia do negócio. Idéias são enganosas, mas nas mãos de empreendedores, tornam-se poderosas e também lucrativas. Dessa forma, ainda segundo o autor, o empreendedor é um transmissor do mecanismo de mudança. De maneira diferente, pode-se dizer que sua função é inovar, de realizar novas combinações. O empreendedor que, por certo modo, introduzir a mencionada destruição criativa, acaba exercendo um papel desequilibrador no mercado, ao romper o equilíbrio do fluxo circular.

Por outro lado, Penrose (1995) vê o empreendedor de outra forma dando ao mesmo uma atenção maior. Define o empreendedor de acordo com sua função, aquele que presta serviços empreendedores, independentemente de sua posição ou classificação relacionada com a introdução de novas idéias, ou seja, àquela relacionada à localização, organização administrativa, produtos e aquisição de recursos, incluindo recursos humanos.

Kirzner (1986, apud BARBIERI, 2001) ao contrário, tem outra conceituação. Para o autor, o mercado não funciona de forma automática, mas a presença do empreendedor faz-se necessária a todo instante para vencer o “atrito” causado pela ignorância das constantes mudanças que ocorrem diariamente. Com isso o empreendedor tem papel equilibrador no processo de mercado, ou seja, a sua atividade empresarial não consiste somente em criar coisas novas, mas em perceber incompatibilidade de coordenação que existe no mercado. Para isso, o autor trata o processo de mercado não uma invenção e afirma:

A atividade empresarial, para mim, não é tanto a introdução de novos produtos ou de novas técnicas de produção quanto à capacidade de ver onde novos produtos se tornaram insuspeitamente valiosos para os consumidores e onde novos métodos de produção tornaram-se factíveis sem que outros saibam. Para mim, a função do empresário não consiste tanto em alterar as curvas de custo ou de receitas que ele vê adiante de si, quanto em notar que elas se alteram (KIRZNER, 1986, apud BARBIERI, 2001, p.110).

Portanto, esse autor acredita que existe semelhança entre esses dois empresários, notando-se que o elemento fundamental do empreendedor é seu estado de alerta para sair da atividade rotineira de maximização e que seu rendimento não pode ser traçado como remuneração de um fator, por meio do qual poderia perceber a existência de desajustes nos preços e, dessa maneira, oportunidades de obter lucros. O problema do desajuste nos preços não é atribuído apenas à existência de informação imperfeita, e sim à completa ignorância dos agentes em relação à existência da informação; por isso qualquer pessoa participante do mercado pode ter as oportunidades para o lucro empresarial, desde que descubra sua existência antes que outros o façam.

Destaca que o processo de ganhar esses lucros é ao mesmo tempo um processo de correção da ignorância do mercado e ainda o ‘tipo de conhecimento’ exigido para cada atividade empresarial.

Corrêa (2000) explica que Kirzner (1986) não enfatiza o elemento criador da atividade empresarial, o que seria natural ao pensar no caráter hipotético, conjectural das hipóteses empresariais. Portanto, enfatiza a exploração de oportunidades já existentes.

Pode-se entender que, se existe uma oportunidade esta é percebida; que o resultado da ação é o lucro empresarial, mas que quando se reconhece o caráter hipotético do conhecimento dos agentes, uma hipótese errônea pode levar ao prejuízo por não ser característico com a realidade do mercado. Sendo assim, é possível dizer que a incerteza é pré-condição para a atividade empresarial, enquanto o estado de alerta constitui a atividade empresarial, ou seja, é a maneira de lidar com a incerteza.

O que caracteriza a diferença entre o empreendedor Schumpeteriano e o empreendedor de Kirzner é que, o primeiro age no sentido de romper o fluxo circular da economia, ou seja, é um agente desequilibrado, enquanto o último é um agente equilibrador.

A economia estava em desequilíbrio pela criação de novos processos, ao perceber os desajustes de preços e corrigí-los, tende a levá-lo ao equilíbrio novamente.

Nesse ponto, a abordagem schumpeteriana se separa da outra vertente analítica, que concebe a função empresarial exatamente como a de quem carrega o risco. Essa vertente ganha refinamento por Frank Knight (1972), com sua clássica distinção entre o risco - mensurável - e a incerteza. Para esse autor, numa situação ideal onde não houvesse incerteza, os homens poderiam se concentrar em fazer as coisas de um modo automático, dispondo de toda informação necessária para se adequarem às mudanças de ambiente de uma maneira mecânica. Mas se a incerteza entra em cena, o mero fazer coisas, a execução

de tarefas, torna-se uma atividade secundária e o que importa é decidir o “que” e o “como” fazer.

Para melhor explicar, Knighth (1972) inclui conceitos importantes na concepção do empreendedor de Kirzner (1986). Para o primeiro autor, além da oportunidade, este define o empreendedor como aquele que assume risco, onde toda ação humana envolve alguma incerteza, imaginação e habilidades diferenciadas. Para Kirzner (1986) o espírito empreendedor é sinônimo de risco pesado e manuseio de incerteza. Considera o empreendedor como um indivíduo que assume riscos calculados, partindo do pressuposto que, se uma situação é perfeitamente previsível, não existe oportunidade para o lucro, o qual, justamente, por meio de uma oportunidade incerta, o risco está apenas na elaboração de uma nova atividade.

Com efeito, considerando-se uma comparação, Schumpeter e Knight são os representantes por excelência das duas principais vertentes analíticas que abordaram o problema. Se a primeira define o empresário como aquele indivíduo cuja função é inovar, para a outra é aquele que toma decisões em situações que envolvem incerteza.

A essência da posição de Schumpeter já estava definida desde 1911, na *Teoria do Desenvolvimento Econômico*: “chamamos empreendimento à realização de combinações novas; chamamos ‘empresários’ aos indivíduos cuja função é realizá-las” (SCHUMPETER, 1982), apesar das mudanças de ênfase ao longo de sua obra, que deixarão em segundo plano uma leitura romântica e individualista do empresário para destacar a natureza planejada das inovações no interior das grandes organizações.

Definido dessa maneira, em comparação, o papel do empresário não se confunde com o do administrador, pois enquanto o primeiro empreende um negócio que incorpora uma nova idéia, o administrador limita-se a gerir uma atividade já em curso. Também não se confunde com o do inventor, que é alguém que produz idéias, enquanto o empresário faz com que as coisas aconteçam, pouco importando se isso envolve ou não algum conhecimento científico novo. Daí a já conhecida distinção entre invenção e inovação. Porém, é, sobretudo a diferença traçada por Schumpeter (1982) entre o empresário e o capitalista (o proprietário dos meios de produção). Pois, a atividade inovadora envolve sempre o lidar com situações desconhecidas, incertas; aquilo que para todo indivíduo envolvido no fluxo circular, rotineiro, torna-se para o inovador uma incógnita.

Mas, para Schumpeter (1982), o empresário não é aquele que corre riscos: “o risco obviamente recai sobre o proprietário dos meios de produção ou do capital-dinheiro que foi pago por eles, portanto nunca sobre o empresário *enquanto tal*. (...) O empresário nunca é aquele que corre o risco” (SCHUMPETER, 1982, p. 54-92).

Drucker (2002, p.39) levou isso mais longe, identificando espírito empreendedor com a própria administração. Para esse autor os empreendedores “[...] inovam sempre e a inovação é o espírito empreendedor. É o ato que contempla os recursos com a nova capacidade de criar riqueza. A inovação, de fato, cria um recurso”.

Chiavenato (2004) ressalta que:

Os empreendedores são heróis populares do mundo dos negócios. Fornecem empregos, introduzem inovações e incentivam o crescimento econômico. Não são simplesmente provedores de mercadorias ou de serviços, mas fontes de energia que assumem riscos inerentes em uma economia em mudança, transformação e crescimento. Continuamente milhares de pessoas com esse perfil – desde jovens adolescentes a cidadãos mais idosos e de todas as classes sociais – inauguram novos negócios por conta própria e agregam a liderança dinâmica que conduz ao desenvolvimento econômico e ao progresso das nações (CHIAVENATO, 2004, p.4).

Trata-se de uma definição um tanto surpreendente, pois leva à idéia de que a figura do empreendedor não se restringe apenas ao âmbito dos negócios, ou seja, está igualmente presente nas artes, na guerra, na ciência, em outros campos de atividade humana.

Estão entre as atribuições do empreendedor a adaptação da estrutura organizacional às mudanças ocorridas ou que ocorrem no macroambiente ou no microambiente, assim como a distribuição de recursos, nas diversas atividades desenvolvidas.

A contribuição dos empreendedores é fundamental para o desenvolvimento econômico e geração de riqueza de um país ou região, seja como formadores de empresas, gerando empregos ou atuantes das grandes corporações contribuindo com o seu desenvolvimento e permanência das mesmas do mercado.

Empreendedores podem ser jovens que concluíram há pouco seus estudos; pessoas com conhecimento mais expressivo que repensaram sua carreira; mulheres iniciando no mercado de trabalho; aposentados experientes que não querem optar pelo lazer; desempregados que buscam alternativas, que se lançam no mercado formal ou informal; herdeiros que buscam uma opção diferente daquela da empresa familiar e todos que vislumbram no seu negócio uma opção digna e importante de desempenhar seu trabalho.

Segundo Dornelas (2001):

A era dos negócios baseados no conhecimento têm trazido surpresas para grandes conglomerados, acostumados a agir sempre da mesma forma, tratando os clientes da mesma maneira, achando que o sucesso do passado garantirá o sucesso no presente e, pior ainda, no futuro. Empresas pequenas, notadamente mais ágeis, conseguem se estruturar em pouco tempo, inovar não só nos produtos e serviços que oferecem, mas principalmente no seu modelo de negócio – talvez a principal inovação que o mundo dos negócios vem experimentando nas últimas décadas (DORNELAS, 2001, p.6).

O ambiente competitivo requer mudanças rápidas. É necessário que as empresas se adequem à necessidade de promover novas competências para suplantar os desafios que surgem a cada momento. O foco das empresas, que trabalhavam no processo de produção em massa, havia sido por muito tempo, exclusivamente o custo.

É interessante notar que as empresas pequenas vêm possibilidade de serem mais ágeis por sua própria estrutura interna, que são capazes de agir rapidamente, adaptando-se e inovando ao mesmo tempo. A complexidade do mercado atual tem convidado um número cada vez maior de indivíduos a criar, de forma consciente, reconhecendo seus próprios recursos internos, em vez de apoiar um velho hábito anterior.

Na seqüência, Longen (1997) esclarece que a existência de indivíduos conhecidos como empreendedores é a condição básica para o surgimento de novos empreendimentos. Entende-se que por meio de ações inovadoras estes desenvolvem suas empresas, permitindo o fluxo circular da economia.

Para tanto, faz-se necessária uma análise mais detalhada sobre o envolvimento dos empreendedores no procedimento de criação dos novos processos com a inovação e estratégia, na busca pelo sucesso ou mesmo pelo reconhecimento, pelo retorno financeiro e consolidação da empresas, para que sirvam como instrumentos válidos na contribuição de empresas duradouras.

Dessa forma, examinando as diferentes correntes do pensamento da economia e administração, sobre o papel do empreendedor, é possível visualizar várias maneiras de se tratar daquele que é responsável pelo rompimento do fluxo circular, ou seja, o empreendedor inovador por meio da “destruição criativa” tratada por Schumpeter (1982), significando que pode criar novas empresas no mercado ou estabelecer estratégias para a sua sobrevivência no mercado instável.

O SEBRAE⁷ criou um conceito do empreendedor destacando-o como o indivíduo que possui ou busca desenvolver uma atitude de inquietação, ousadia, e proatividade no envolvimento com o mundo, condicionada por características pessoais, pela cultura e pelo ambiente, que favorece a interferência criativa e realizadora, buscando no envolvimento, ganhos econômicos e sociais.

Assim, espera-se que um empreendedor seja regido pela motivação de maximizar lucros, pela lógica de mercado, pela minimização de custos, maximização da taxa de crescimento; para tanto, cria uma empresa com fins lucrativos, na qual sua recompensa é o sucesso.

Além disso, as condições do macro-ambiente exercem grande influência na sociedade, apresentando-se altamente instável, com grandes mudanças, dinâmicas e situações inesperadas. Diante de novas situações, e de forma constante, é preciso ser criativo.

O ser criativo está diretamente ligado à inovação e/ou idéias brilhantes, conforme Drucker (2002, p.181) “[...] o espírito empreendedor é construído em torno de ‘idéias brilhantes’: o zíper, a caneta esferográfica, a lata spray de aerosol, a lingüeta para abrir latas de refrigerantes e cerveja, e muitos outros”. A criatividade é uma imediata resposta à obtenção de um resultado positivo, é a capacidade de produzir algo essencialmente novo, para que cada situação não seja repetitiva e aconteça no momento exato, correspondendo às expectativas.

Dornelas (2001) argumenta que os empreendedores criam valor à sociedade pelo capital intelectual, dinamizando a economia pela inovação, sempre usando a criatividade em busca de soluções para melhorar a vida das pessoas.

Observa-se, assim, que o empreendedor é aquele indivíduo capaz de aproveitar as chances das mudanças tecnológicas e introduzir processos inovadores nos mercados, que, segundo Schumpeter (1984), é o mesmo que idealizar uma empresa, criar imagens, criar produtos e mercados.

Os empreendedores são destacados pela sua capacidade de idealizar e conduzir o processo criativo de novas unidades de produção. De várias maneiras, fazem combinações de inovações tecnológicas com o aumento da produção e diminuição dos custos com apresentação da qualidade. Dessa maneira são responsáveis pelo desenvolvimento empresarial ou criação de novas unidades empresariais que, consequentemente, levam à geração de novos empregos, justificando a contribuição deste para o crescimento econômico.

Embora existam diferentes enfoques sobre o empreendedorismo, o termo empreendedor, que se pretendeu abordar foi o da abordagem econômica de Schumpeter (1984) e não a dos comportamentalistas.

O economista descreve o empreendedor e o seu papel como inovador no processo de renovação constante da economia capitalista, ou seja, é o agente do processo de destruição criativa, e é o impulso fundamental que aciona e mantém o andamento do motor capitalista.

Referências Bibliográficas:

- AIUB, George Wilson; ALLEGRETTI, Rogério Della Fávera. **Planejamento: orientação estratégica para análise de viabilidade e estruturação de incubadoras de empresa.** Porto Alegre: SEBRAE, 1998.
- ASINELLI, 2006. Disponível em <http://www.anprotec.org.br>. Acesso em 30 dez 2005
- BARBIERI, Fábio. **O processo de mercado na escola moderna**, 2001.180f. Dissertação (Mestrado em Economia), Universidade de São Paulo Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade-Departamento de Economia, São Paulo, 2001.
- BARRETO, Luiz Pondé. **Educação para o empreendedorismo**. Núcleo para Estudos do empreendedorismo, Universidade Católica de Salvador – Salvador, 1998.
- BERNARDES, Cyro, MARCONDES, Reynaldo Cavalheiro. **Criando empresas para o sucesso – empreendedorismo na prática**. São Paulo: Saraiva, 2003.
- BERNARDI, Luiz Antonio. **Manual de empreendedorismo e gestão: fundamentos, estratégias e dinâmicas.**, São Paulo: Atlas, 2003.
- CASSON, Mark. 1987. In: DEAKINS, D. **Entrepeneurship and small firma**. England: McGraw-Hill, 1996.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor**. São Paulo: Saraiva, 2004.
- CORRÊA, David P. **O papel do empreendedor no crescimento da firma: dois estudos de caso**. Florianópolis, 2000, f.158. Dissertação (Mestrado em Economia) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
- CRUZ, Rosane. **O empreendedor no processo de inovação de pequenas empresas de software do Rio Grande do Sul**. In EGEPE - Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, 3, 2003. Brasília. Anais. UEM/UEL/UMB, 2003. p.496-508.
- DEWES, Mariana de Freitas; KASTENSMIDT, Christopher; FRACASSO, Edi Madalena. **Características de firmas de software de jogos eletrônicos**. Enampad, Curitiba-PR, 2004 (artigo)
- DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 2002.
- DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- _____. **Empreendedorismo corporativo**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

- DRUCKER, Peter F. **Inovação e espírito empreendedor.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.
- FARAH, Osvaldo Elias. Empreendedorismo Estratégico. In: CAVALCANTI, Marly (Org.). **Gestão Estratégica de Negócios: Evolução, Cenários, Diagnóstico e Ação.** São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2001.
- FILION, Louis J. **Diferenças entre sistemas gerenciais de empreendedores e operadores de pequenos negócios.** RAE – Revista de Administração de Empresas, São Paulo.v. 39, n. 4, p.6-20, Out/Dez, 1999.
- _____. **Empreendedorismo: Empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios.** RAE – Revista de Administração de Empresas. São Paulo. v. 34, Abril/Junho, 1999b.
- _____. **Seminário Internacional Empreendedorismo e Educação.** Centro de Convenções do Campus Senac, SP. 24 set 2004.
- FURTADO, Milton Braga. **Síntese da economia brasileira.** 5^aed. Rio de Janeiro: LCT. Livros Técnicos Científicos, 1988.
- HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem.** Tradução de Waltensir Dutra. 21^aed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- KNIGHT, Frank H. **Risco, incerteza e lucro.** Trad. Hunfredo Cantuária. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1972.
- LONGEN, Márcia Terezinha. **Um modelo comportamental para o estudo do perfil do empreendedor.** Florianópolis, 1997. Dissertação (Mestrado) Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis,1997.
- McCLELLAND, David. **A sociedade competitiva: realização e progresso social.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.
- McCLELLAND, David. Busines drive and National Achievement. Harvard Business Review. Jul/Ago. p.99, 1962 In. DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor.** São Paulo: Cultura Editores Associados, 2002.
- MINTZBERG, Henry; AHLSTRAND, Bruce ; LAMPEL, Joseph. **Safari de estratégia.** Porto Alegre: Bookman Companhia Editora, 2000.
- OLIVEIRA, Marco A(org). **Valeu! Passos na trajetória de um empreendedor.** São Paulo: Nobel, 1995.
- PENROSE, Edith. **The theory of the growth of the firm.** 3^a. ed. Oxford: Oxford University, 1995.

- PINCHOT, Gifford. **Intraempreendedorismo na prática: um guia de inovação nos negócios.** trad. Marcia de Andrade Nascentes da Silva. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- ROSSETTI, José Paschoal. **Introdução à economia.** 18 ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- SACHS, Ignacy. **Inclusão social pelo trabalho: desenvolvimento humano, trabalho decente e o futuro dos empreendedores de pequeno porte.** Rio de Janeiro: Editora Garamond: SEBRAE Nacional, 2003.
- SAY, Jean-Baptiste, A treatise on Political Economy: or, The Production, Distribution and Consumption of Wealth Kelley, New York, 1964. In. DRUCKER, Peter F. **Inovação e espírito empreendedor.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.
- SCHUMPETER, A Joseph. **Capitalismo, socialismo e democracia.** Trad. Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.
- _____. **Teoria do desenvolvimento econômico.** São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- _____. A Theoretical Historical and Statistical Analysis of the Capitalist Process. 2vols. Nova York e Londres: McGraw-Hill Book Co., Inc., 1939. Edição revisada publicada em 1964. In. FOSTER, Richard N, KAPLAN Sarah. **Porque as empresas feitas para durar não são bem sucedidas.** Tradução de Adriana Rieche. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- SILVA , Hélio Eduardo. **Empreendedorismo: o caminho para o sucesso no século XXI,** Universidade Católica de Brasília, 2000. (artigo)
- SOLOMON, Steven. **A grande importância da pequena empresa.** A pequena empresa nos Estados Unidos, no Brasil e no Mundo. Rio de Janeiro: Nôrdica, 1986.
- SOUZA, Eda Castro Lucas de; GUIMARÃES, Tomás de Aquino (org). **Empreendedorismo além do plano de negócios.** São Paulo: Atlas, 2005.
- TROSTER, Roberto Luis & MOCHÓN, Francisco. **Introdução à economia.** São Paulo: Pearson Makron Books. 2004.

Artigo recebido em: 12/06/2007

Artigo aprovado em : 02/08/2007